

UM DOM QUIXOTE NA ÁFRICA ALEMÃ DO SUDOESTE (*MORENGA* (1978), DE UWE TIMM)

Denise Rocha ¹

RESUMO

O objetivo do estudo sobre o romance *Morenga* (1978), do escritor alemão, Uwe Timm, é, a partir do nome *Dom Quixote*, apresentar um tipo de manifestação pejorativa da linguagem, exteriorizada pelos oficiais germânicos, que se apropriaram do perfil de um personagem literário, para desqualificar a trajetória de Johannes Gottschalk, solidário com os nativos. Ele era um dos veterinários da Tropa de Proteção atuante no Protetorado germânico (1884-1919), denominado de África Alemã do Sudoeste (atual Namíbia). Influenciado pelo companheiro profissional, Wenstrup, que tinha um exemplar da obra do anarquista-comunista Pyotr Alexejewitsch Kropotkin (1841-1921), *Ajuda solidária no desenvolvimento*, conhecida como *Ajuda solidária no mundo animal e humano*, Gottschalk começou a criticar a política de Berlim. Decepcionado com a administração alemã, o jovem questionava a engrenagem colonial, ensinava métodos veterinários aos nativos, aprendia o idioma *nama*, bem como namorava a nativa Katharina. A análise, baseada nos conceitos do “Princípio da ajuda solidária” (Kropotkin), de “imagem” (Burke) e de “metaficção historiográfica” (Hutchen), mostrará um panorama geral de *Don Quijote de la Mancha* e a sua influência sobre a percepção dos camaradas militares no processo de quixotização de Gottschalk, um dos protagonistas dos narradores de Uwe Timm.

Palavras-chave: Literatura alemã contemporânea, África Alemã do Sudoeste, quixotização, imagem, metaficção historiográfica.

INTRODUÇÃO

Fig. 1- A luta pela solidariedade na África Alemã do Sudoeste
Filme *Morenga* (1985): os veterinários Wenstrup (Edwin Noel) e Gottschalk (Jacques Breuer)



Fonte: <https://www.cinema.de/film/morenga-3,1333685.html>

Em um contexto colonial africano, militares alemães, personagens do romance *Morenga*, de Uwe Timm, mostraram ser conhecedores da obra universal, *Don Quijote de la Mancha* (1605 e 1615), do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), que

¹ Pós-Doutoranda sob supervisão do Prof. Dr. Stefan Wilhelm Bolle, e participante do seu Projeto “Espaço e movimento na literatura”, da linha de pesquisa “Estudos de Literatura, Cultura e Tradução”, e nos Estudos sobre Berlim.

Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Alemã, da USP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3906-2957>.

apresenta a trajetória de um cavaleiro andante idealista, que vive diversos tipos de aventuras, e enfrenta desafios reais e imaginários, com o intuito de sanar injustiças e buscar um mundo melhor. Eles apelidaram o camarada veterinário Gottschalk de Dom Quixote, por querer mudar a engrenagem colonial do Protetorado germânico. O colega de profissão, Wenstrup, que também compartilhava com ele a ideia da solidariedade entre os povos, tinha a obra, *A ajuda solidária no desenvolvimento* (1902), do escritor anarquista-comunista Kropotkin, que os influenciou muito nas críticas à engrenagem política e militar alemã.

Os dois veterinários são protagonistas dos episódios militares do romance *Morenga*, que evoca a chegada dos missionários, dos comerciantes e dos alemães no território localizado ao sul africano do oceano Atlântico. A obra inicia-se em *media res*, no mês de abril de 1904, com alarmes sobre grupos de nativos que atacaram fazendas alemãs, destruíram propriedades civis e militares na África Alemã do Sudoeste e causaram centenas de mortes na região de Warmbad. Trata-se da ficcionalização de dois conflitos históricos entre alguns chefes nativos contra os alemães: o primeiro com o envolvimento dos *Bodenszwart* (1903), no entorno de Warmbad, e o segundo com a participação dos *Herero*, na região de Okahandja (em 15 de janeiro de 1904), localizada ao norte. Esses radicais tumultos, entre outros, provocaram reações extremas entre os germânicos: os personagens ficcionais Gottschalk e Wenstrup não apoiavam os embates militares, e nem o tratamento dispensado aos nativos de várias etnias.

O estudo, “Um Dom Quixote na África Alemã do Sudoeste (1884-1919) (*Morenga* (1978), de Uwe Timm)”, será baseado nos conceitos do “Princípio da ajuda solidária” (Kropotkin), de “imagem” (Burke) e de “metaficção historiográfica” (Hutchen), e apresentará uma perspectiva de *Don Quijote de la Mancha* e a sua influência sobre a percepção dos militares no processo de quixotização de Gottschalk.

1- A imagem (Peter Burke)

Morenga, de Timm, tem 26 capítulos com apresentações de tipos de imagens sensoriais e históricas do processo religioso, político e militar da conquista e administração da África Alemã do Sudoeste. Tais representações da segunda metade do século XIX até o ano 1908 evocam o estudo de Peter Burke, *Testemunha ocular: história e imagem*.

As imagens, conforme Buke, seriam evidências antigas, “indícios” comunicantes, e novas testemunhas na reconstrução de um passado: “as imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular” (BURKE, 2004, p. 17).

2- A metaficção historiográfica (Linda Hutcheon)

Além de imagens históricas e literárias, o romance *Morenga* apresenta episódios passados do território do Protetorado germânico, que são abordados, de forma não cronológica: 1) *Estudos da terra* e 2) *Relatos das batalhas* (a entrada dos alemães), A primeira parte está estruturada em três quadros: 1- *Como Gorth pregou o Evangelho, falou com bois e se desviou do caminho certo* (a chegada dos religiosos); 2. *Klügge, a cartola no Père Lachaise e o fim das avestruzes na região de Bethanien ou: o barril* (a vinda dos comerciantes); e 3. *O teodolito ou: dos benefícios da sardinha no óleo* (o surgimento dos técnicos topográficos).

Morenga tem a estrutura de montagem: polifonia narrativa; diários de Gottschalk e de Morenga; trechos de livros e de jornais alemães e estrangeiros; inserções do poema *Orlog im Süwesten*, de Otto Pahl, de documentos, de relatórios, de cartas etc. Tal arquitetura narrativa tem semelhanças com aquela classificada como “metaficção historiográfica” por Linda Hutcheon.

Em, *Poéticas do pós-modernismo*: História, teoria, ficção, Hutcheon enfatiza a tendência da ficção historiográfica dos anos 1980, a qual dava voz a membros subalternizados no processo colonial. A “metaficção historiográfica”, que tem várias facetas: a metadiscursiva, a reflexiva, a paródica, a didática, a irônica e a intertextual, apresenta o discurso do “ex-cêntrico”, do oprimido (HUTCHEON, 1991, p. 13-14; 250).

Em *Morenga*, muitos personagens nativos, históricos ou ficcionalizados, não fazem parte da elite colonial, tampouco os veterinários Gottschalk e Wenstrup e, por isso, esse romance pós-colonial pode ser classificado como uma “metaficção historiográfica”, que deu voz aos oprimidos.

3- A simbologia do nome *Quixote* e a atualidade da obra

No artigo, “A atualidade de ‘Dom Quixote’”, publicado na edição de 12 de julho de 2023, de *O Estado de S. Paulo*, Paulo Delgado comenta que:

O mundo histórico em que viveram o autor e o personagem pode até ter desaparecido em parte, mas o espírito da humanidade que relata poderia ajudar as pessoas a enfrentarem a frágil espiritualidade em que vivem as nações. [...]

Quando quem tira proveito da injustiça se destaca, ao contrário de quem nada ganha sendo justo, é preferível o delírio dos lunáticos a confiar na injustiça de alguma ordem mundial (DELGADO, 2023, p. A6).

4- Reflexos em *Morenga* (1978), de Uwe Timm (1940)

Fig. 2- A luta contra as injustiças de *O engenhoso Cavalheiro Dom Quixote de La Mancha* (1605 e 1615), de Miguel Cervantes (1547-1616)



Fonte: <https://www.culturagenial.com/livro-dom-quixote-de-miguel-de-cervantes/>

A temática da luta pelos injustiçados presente em *Don Quijote de la Mancha*, publicado em duas partes, em 1605 e em 1615, do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), acima mencionada, é uma das perspectivas de *Morenga*, do jornalista e escritor Uwe Timm que, no ano de 1976, esteve na Namíbia, a antiga África Alemã do Sudoeste, para fazer pesquisas sobre o período colonial germânico e a fim de escrever uma narrativa, que foi publicada em 1978.

O título da obra, *Morenga*, refere-se ao controverso personagem histórico mestiço, Jakob Morenga ou Marenka (1875-1907), alfabetizado na Missão Católica de Pella, parte da colônia inglesa de Kapstad, que se envolveu como mercenário, em conflitos armados para expulsar os alemães. com o auxílio de britânicos. Eles

almejavam anexar as terras da África Alemã do Sudoeste, adquiridas por alemães a chefes nativos que tinham sido alfabetizados em estações missionárias anglicanas e luterana. O amplo território estava localizado ao norte do rio Orange e iam até o rio Kunene, fronteira com Angola.

Nessa obra destacam-se três personagens históricos: Samuel Maharero (1856-1923), chefe dos Hereros, Hendrik Witbooi (1830-1905), chefe dos Orlam-Witboi (Nama), e Shepperd Stürman (c. 1874-1907), pregador itinerante. Maharero, nascido na região de Okahandja, Protetorado germânico, mantinha contato com o governo da colônia inglesa Betschuanland (atual Botswana), localizada a oeste. Witbooi, Stürmann e Morenga, eram oriundos da região de Kapstadt, no sul (atual África do Sul), e estiveram envolvidos tanto nos ataques militares a estações telegráficas e de heliógrafos, a comboios de provisões e armas, no roubo de gado, quanto em ações de guerrilhas em regiões montanhosas, contra os alemães.

Uma faceta de *Morenga* é a apresentação da participação de membros da Tropa de Proteção da África Alemã do Sudoeste, sancionada pela Gesetz vom 9. Juni 1895, com unidades militares para proteção dos protetorados: 1) em casos de conflitos como os roubos de gado e tentativas de ocupação de fontes de água por outras tribos; e 2) para ajuda de chefes nativos que não se envolviam em conflitos contra os alemães. As atividades foram ampliadas com a chegada de novos contingentes de Berlim, durante as lutas variadas (1903 até 1907), como os confrontos dos *Herero* (1904), ao norte, e ataques de guerrilhas e assaltos em comboios de militares, de armamentos, de medicamentos, de provisões etc., alguns chefiados pelo mestiço Morenga, em regiões do centro e do sul, nos anos 1905 a 1907.

O veterinário Gottschalk foi voluntário da Tropa, cuja chefia, depois das guerras em 1904, tinha anunciado convocações. No navio saído do porto de Hamburg, ele conheceu Wenstrup, um anarquista-comunista, leitor da obra *Ajuda solidária no desenvolvimento*, conhecida como *Ajuda solidária no mundo animal e humano*, de Kropotkin.

Fig. 3- *Ajuda solidária no desenvolvimento/ Gegenseitige Hilfe in der Entwicklung* (1902), de Kropotkin. Tradução do russo por Gustav Landauer (1908)



Fonte: wikipedia.org/wiki/Gegenseitige_Hilfe_in_der_Tier-_und_Menschenwelt

Um dos narradores de Timm mencionou trechos do referido panfleto comunista (TIMM, 2003, p. 487). Inclusive aparece um comentário, no capítulo *Da terra dos Nama e Kalahari* (TIMMM, 2003, p. 443-455) sobre o “Princípio da ajuda solidária”, de Kropotkin, que foi mencionado no Relatório do Prof. Dr. Leonhardt Brunkhorst, docente da Universitäts Greifswald, com informações sobre sua viagem pela África Alemã do Sudoeste (1903-1905), e que foi direcionado à Academia Imperial Prussiana das Ciências (TIMM, 2003, p. 449). O relatório tinha o título “O relacionamento dos Hottentotten com pessoas de raças diferentes”. *Hottentotten* era uma designação colonial utilizada pelos holandeses, que foram os colonizadores pioneiros da região da atual África do Sul. O conceito preconceituoso arremedava a pronúncia considerada “gaguejante” do idioma *nama* de alguns grupos étnicos da região.

Depois da chegada em Swakopmund, no porto da África Alemã do Sudoeste, os membros da Tropa de Proteção seguiram em viagem de trem até Windhuk, a capital da colônia. Gottschalk e Wenstrup foram confrontados com a terrível visão do campo de prisioneiros de guerra, nos quais viviam os membros do grupo dos *Bondelszwarts*, que provocaram os confrontos bélicos de 1903, e dos *Hereros* e aliados de outras tribos, em 1904. Muitos deles eram recrutados pelos alemães para trabalhos forçados na construção de estradas de ferro e de outras infraestruturas:

Mais tarde, Gottschalk disse a Wenstrup que eles morriam por causa de disenteria, tifo e desnutrição. Eles estão morrendo de fome.

Não, disse Wenstrup, eles os deixam morrer de fome, essa é uma diferença sutil, mas crucial.

Gottschalk apenas suspeitou de um fracasso dos departamentos dos subalternos. Wenstrup, por outro lado, com toda seriedade, afirmou que havia um sistema por trás disso.

Qual?

O extermínio dos nativos. A gente quer ter áreas de assentamentos (TIMM, 2003, p. 33 e 34)

4.1- A deserção de Wenstrup e o processo de quixotização de Gottschalk

Fig. 4- Filme *Morenga* (1985)
Gottschalk (Jacques Breuer) em contato com mulheres e crianças nativas



Fonte: <https://www.cinema.de/film/morenga-3,1333685.html>

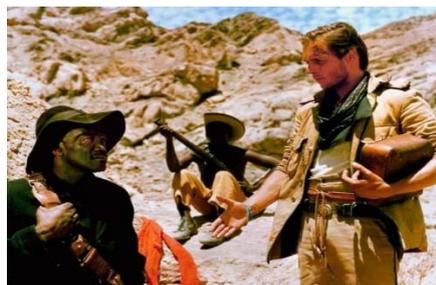
Enquanto, o veterinário Wenstrup desertou rumo à colônia inglesa Kapstadt, Gottschalk buscou sua adaptação no mundo colonial e fez tentativas para compreender a situação do nativos, baseado no “Princípio da ajuda solidária”, de Kropotkin. Por ter ensinado métodos de tratamentos de animais a eles, ter aprendido o idioma *nama* e ter começado um namoro com a nativa Katharina, Gottschalk foi denominado de “cafre”, aquele que adquiriu modos subalternos semelhantes aos das pessoas da terra africana.

Uma conversa entre os membros de um comboio de transporte de tropas, Tenente Elschner, Cavaleiro Zeisse e Gottschalk, no início de setembro de 1905, revela as críticas de Elschner sobre “a condução da guerra alemã”, que seria inapropriada para confrontos com guerrilhas (TIMM, 2003, p. 466). Em relação aos inimigos, as opiniões foram diversas: Zeisse disse: “Os Hottentotten querem nos destruir, nós, seus inimigos mortais, por isso, nós temos que nos adiantar e os destruir” (TIMM, 2003, p. 470):

Isso seria uma alternativa falsa, nós temos que perguntar pelas causas. Mas, diz Elschner, essas causas são restrições, não influenciáveis por cada um. Isso, disse Gottschalk, depende do indivíduo e somente dele. Somente um D. Quixote pode tentar, lutar contra essas restrições. Isso foi uma indireta a Gottschalk, e Gottschalk reagiu imediatamente: Certos desenvolvimentos podem se modificar, se cada um decidisse, fazer, o que achar correto. O sr. corre contra os moinhos de vento, disse Elschner, isso é ridículo. (TIMM, 2003, p. 470)

Seus companheiros de farda acreditavam que ele estava imerso em um processo de cafrealização e de quixotização, que não condição de maneira alguma com sua identidade cultural alemã.

Fig. 5- Filme *Morenga* (1985) Gottschalk (Jacques Breuer) se despede de Morenga (Ken Gampu)



Fonte: <https://www.amazon.de/Morenga-2-DVDs-Jacques-Breuer/dp/B00DUXLOEA>

O personagem histórico Gottschalk foi aprisionado pelo bando do guerrilheiro mercenário Jakob Morenga, em 1907, e na narrativa *Morenga*, o personagem ficcional homônimo foi visto conversando como o mesmo, bem como se despedindo com um aperto de mãos. Tal atitude de suposta solidariedade com o pior inimigo militar da África Alemã do Sudoeste provocou hostilização total em seus companheiros de armas que o viam como um tolo e traidor Dom Quixote.

CONCLUSÃO

O estudo, “Um Dom Quixote na África Alemã do Sudoeste (1884-1919) (*Morenga* (1978), de Uwe Timm)”, apresentou, sob a perspectiva da “metaficção historiográfica” (Hutcheon), diferentes “imagens” (Burke), históricas e literárias, do processo colonial germânico, as quais foram reveladas no romance pós-colonial, com destaque para as representações das trajetórias de dois inconformados veterinários. Eles foram influenciados pelo “Princípio da ajuda solidária”, do russo Kropotkin, e pretendiam lutar por mudanças radicais no estilo do personagem literário, o cavaleiro andante, *Don Quijote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes.

Os profissionais, que cuidavam dos cavalos da tropa, se deslocaram por várias regiões do Protetorado germânico, durante os conflitos militares com alguns chefes nativos, a partir de 1904, e puderam ver pessoalmente os variados problemas da

população. No entanto, o convicto anarquista-comunista Wenstrup se acovardou diante de seus variados planos para transformações sociais e simplesmente desertou, sem deixar resquícios, mas Gottchalk permaneceu e se engajou totalmente: ele adentrou na comunidade local, por meio da aprendizagem do idioma *nama*, do ensino aos nativos de técnicas de melhor manuseio no trato com os animais, do relacionamento afetivo com Katharina, além de ter feito severas críticas à guerra de guerrilhas.

Pela sua crença na solidariedade em prol do desenvolvimento integral das pessoas, como tentativa de consolidação do “Princípio da ajuda solidária”, de Kropotkin, Gottschalk criticava as violações dos direitos humanos dos nativos na engrenagem colonial e, também por isso, ele era considerado pelos camaradas da Tropa de Proteção como um Dom Quixote, um sonhador na luta insana contra moinhos de vento. As hostilidades sofridas não o abalaram, e o seu engajamento continuou até que Gottschalk cumpriu o seu contrato de trabalho militar na África Alemã do Sudoeste e retornou para a sua pátria, onde se tornou professor universitário.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Trad. de Vera Maria X. dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

DELGADO, Paulo. A atualidade de ‘Dom Quixote’. **O Estado de S. Paulo**, 12 jul. 2023. p. A6.

HUTCHEON, Linda. **Poéticas do pós-modernismo: História, teoria, ficção**. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

TIMM, Uwe. **Morenga**. 4. Aufl. München: Deutscher Taschenbuchverlag, 2003.